

CAPÍTULO I

"...Com efeito, adoeceu mortalmente; Deus, porém, se compadeceu dele e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza" Filipenses 2.27

A CRISE FINAL

O dia 27 de abril, uma segunda-feira, tinha tudo para ser igual aos outros, com a diferença de que, em acordo com a liderança da igreja, decidimos que as segundas-feiras fossem utilizadas para descanso pastoral, fato que, na verdade, nunca se realizou na sua inteireza.

Aquela era uma segunda-feira de muito cansaço, pois ainda estava trazendo no corpo as marcas das duras semanas de lutas que tínhamos empregado na reforma da entrada principal de nosso templo, isto somado ao desgaste de toda a programação do XVII aniversário de organização da Igreja que tinha acontecido uma semana atrás.

Resolvi não sair de casa naquela segunda-feira. Passei o dia todo tentando recuperar as energias. No entanto, o telefone não parava de tocar, os aconselhamentos se sucediam via telefone, e, especificamente naquele dia, eu procurava me preparar para uma palestra sobre música evangélica a ser ministrada no dia 1º de maio na capela Central do Betel Brasileiro.

Sem que eu pudesse dar conta das horas, a noite chegou rapidamente. Jantei e procurei me concentrar no estudo da música evangélica. Não demorou muito e recebi a visita de um casal que buscava aconselhamento. Tentei ajudá-los na medida do possível, sem que eles notassem que eu estava preocupado com a palestra que tinha que preparar. Eles saíram de casa tarde da noite, quase onze horas, horário em que minha esposa chegava do Seminário. Conversamos um pouco enquanto lanchávamos, e lá pelas onze e meia estávamos acomodados para mais uma noite de sono.

Não conseguia dormir naquela noite. Algo estava diferente, estranho. Olhava de lado e via minha esposa dormir com serenidade. Eu, no entanto, tentava, mas não conseguia conciliar

o sono. Quase meia noite, comecei a sentir o braço comichar, o peito apertar e o coração bater aceleradamente. Sentei na cama procurando respirar melhor, pois, àquela altura, minha respiração começava ficar dificultosa. Minha esposa acordou com os meus movimentos e perguntou o que estava acontecendo. Respondi que não estava passando bem. Ela levantou-se e disse-me que eu estava pálido. Àquela altura o aperto no peito era maior. Eu já tinha passado por coisas semelhantes antes, mas não com tanta intensidade. Comecei a temer por algo pior. Denise foi até a cozinha e voltou rapidamente com um copo de água que ingeri rapidamente no desejo de me ver livre daquele terrível mal estar. Não adiantou. Resolvemos ir até o hospital. Vestimo-nos rapidamente, e, em meio a tanta dor e dificuldade de respiração, tentei localizar meus exames cardíacos anteriores.

Denise propôs ligar para algum irmão ou chamar o vizinho, idéia que eu rejeitei automaticamente, pois, nas vezes anteriores que tive problemas desta natureza, sempre cheguei ao hospital guiando o carro. Saímos rapidamente de casa. Quando percorri cerca de duzentos metros, senti uma forte dor no peito, bastante aguda. Neste momento vi que o problema que estava enfrentando não tinha...